

VISA e Culturas Diversas

William Weissmann¹

Estélio Gomberg^{II}

“Mas seu fiscal, minha bisavó sempre fez deste jeito. Minha avó, minhas tias, minha mãe. Ninguém reclama. O senhor chega aqui e diz que o que meu povo faz e vende está errado? Que não pode?”

As regras sanitárias cumprem pelo geral cardápio estático, com base prioritariamente pautada no risco microbiológico, em que se tenta evitar, ao máximo, ou mitigar contaminações por agentes ou toxinas derivadas. Têm sentido as regras. Micro-organismos representaram e representam relevantes riscos.

Mas como respeitar práticas ancestrais, que podem implicar em riscos, que não atentem para tais riscos?

Com respeito!! E pragmatismo!!

Mas sem ilusões. Há que se questionar: as práticas reforçam laços de hierarquia incompatíveis com a liberdade do indivíduo e das coletividades? Elas reforçam elos de poder baseados na ignorância de uns e conhecimento de outros? A vacinação antivariólica enfrentou recusas de religiosos de comunidades com hábitos mais primitivos. Os religiosos detinham conhecimento sobre método antigo de exposição ao antígeno e salvamento de alguns “vacinados” e usavam tal conhecimento como estratégia de poder intratribal. Não se aceitou tal estratégia de poder.

Neste tom, defendemos relativismo, em especial quando certos agentes têm grande risco de propagação.

Mas respeitar tal preceito não implica desprezar tradições.

Se as práticas são preservadas, não é a força que vai fazê-las desaparecer. Há motivações a que superem gerações.

Como agir?

Conhecendo as tradições. Incorporando os detalhes dos processos decisórios produtivos. Os ingredientes, tempos e estocagens.

E estudando possíveis modificações, junto às populações, quando houver forte potencial de risco.

E premiar!

Sempre que se alcançar resultados favoráveis a todas as partes, cabe o prêmio. O menor que seja, ao menos a tipificação de serem aqueles produtos ou ambientes adequados ao que preconizam as regras e o consumo.

E incorporar tradição à VISA. E visa à tradição.

Com o objetivo de apreender a realidade dos grupos com os quais e para os quais as ações de promoção da saúde e prevenção de riscos são desenvolvidas. Pretende-se que os artigos abordem a compreensão dos mediados pela vigilância sanitária em contextos heterogêneos nos âmbitos da formalidade e da informalidade, substanciados e tensionados pela tradição/modernidade.

¹ Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^{II} Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, BA, Brasil



Desejamos que este número temático seja um espaço profícuo de diálogo interdisciplinar entre diversos estudos, que estimule as reflexões e os debates no entorno da vigilância sanitária

e áreas correlatas, e suscite estudos e intervenções na operacionalidade de dispositivos de novas práticas sanitárias.
Boas leituras!